

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS E IMAGÉTICAS SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL NA REVISTA O CORREIO DA UNESCO

Ana Cristina Juvenal da Cruz

Programa de Pós-graduação em Educação
Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
anacjruz@ufscar.br

Resumo: Este artigo objetiva dialogar a respeito das representações discursivas e imagéticas acerca das relações raciais no Brasil nas páginas da revista *O Correio da Unesco* editada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que integra ampla objetivo de pesquisa que busca verificar a maneira pela qual a Unesco estabeleceu diretrizes normativas globais para a questão racial. Buscou-se identificar que tipos de mecanismos narrativos são mobilizados quando a proposta é efetivar um debate sobre a questão racial. Com esta proposta, o direcionamento é apontado para uma analítica que visualiza o modo pelo qual a revista converte-se em uma estratégia de comunicação, não apenas por sistematizar e atribuir uma determinada identidade visual à temática racial em escala global, mas por dar visibilidade às ideias e ações da Unesco.

Palavras-Chave: O Correio da Unesco, antirracismo, educação.

Abstract: This article aims to discuss the discursive and imaginary representations about race relations in Brazil in the pages of the Unesco Courier journal edited by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). It is a bibliographical research that integrates a broad research objective that seeks to verify the way in which Unesco established global normative guidelines for the racial question. It was tried to identify what types of narrative mechanisms are mobilized when the proposal is to effect a debate on the racial question. With this proposal, the focus is on analyzing the way in which the magazine becomes a communication strategy, not only for systematizing and assigning a certain visual identity to the racial theme on a global scale, but also for giving visibility to the Ideas and actions of Unesco.

Keywords: The Unesco Courier journal, anti-racism, education.

Introdução



Figura 1- Capa da revista *O Correio da Unesco*, de outubro de 1960, consagrado ao racismo. © UNESCO/1960.

Este artigo deriva de uma investigação bibliográfica realizada por ocasião de uma pesquisa que busca verificar a maneira pela qual a Unesco estabeleceu diretrizes normativas globais para a questão racial¹. O enfoque se dirige a investigar a estratégia desenvolvida cujo objetivo foi o de analisar os princípios orientadores e as diretrizes normativas relativas ao tratamento do racismo em matéria de educação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco. A capa da revista *Le Courrier de l'Unesco*² que abre este artigo expressa ações com a finalidade de equacionar o modo pelo qual as diferenças humanas tornaram-se uma problemática a ser resolvida. O Ato Constitutivo da UNESCO pontua que seu objetivo é “favorecer a compreensão mútua das nações: [...] emprestando seu concurso aos órgãos de informação das massas, visando a facilitar a livre circulação das ideias pela palavra e pela imagem” (Ato Constitutivo da UNESCO, 1945). Algumas críticas foram dirigidas a muitas dessas publicações, dado o fato de que a atribuição de algumas temáticas foi creditada a pessoas próximas àqueles que detinham cargos no interior da UNESCO. No caso da questão racial, a indicação de pessoas desconhecedoras do tema foi também motivo de críticas externas à UNESCO.

1 CRUZ, A. C. J. *Antirracismo e Educação: uma análise das diretrizes normativas da UNESCO*. Tese de doutorado em Educação. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2014.

2 Doravante utilizaremos a nomenclatura em português: *O Correio da Unesco*.

A coleta de dados que estrutura este texto resulta de investigação que se destinou a análise da revista. Trata-se de um periódico informativo que mescla artigos, notícias e dados sobre temas diversos ligados aos projetos e objetivos da Unesco. O formato geral da revista é de trazer um tema central a partir do qual são apresentados artigos de opinião e de análise argumentativa de especialistas diversos, entre outras seções. A exposição de sua apresentação, em seu repositório eletrônico, relata a missão do periódico em “promover os ideais da Unesco, manter uma plataforma para o diálogo entre as culturas e prover um fórum para o debate internacional”³.

A descrição de sua apresentação, em seu repositório eletrônico, relata a missão do periódico em “promover os ideais da UNESCO, manter uma plataforma para o diálogo entre as culturas e prover um fórum para o debate internacional”.

Com periodicidade mensal, antes de adotar essa nomenclatura o periódico chamava-se *Le Moniteur de L'UNESCO* [O Monitor da UNESCO]. Sob a direção do fundador e primeiro editor-chefe Sandy Koffer, figurou como a publicação oficial da UNESCO entre os meses de agosto e novembro de 1947. A partir de fevereiro de 1948, é renomeado e destinado a ser um veículo de informação das atividades para o grande público, enquanto o *Le Moniteur de L'UNESCO* tornou-se um veículo de divulgação interno da UNESCO.

Ao longo do tempo, o periódico apresentou modificações em seu formato, mas manteve o objetivo de ser o principal veículo de propaganda da agência para difusão de suas ideias e projetos. O termo propaganda é utilizado pela própria UNESCO para se referir às suas publicações. Desde a constituição original até o ano 2002 não aparece uma modificação substancial, a partir desse ano o periódico passa a ser semestral com o nome de *Le nouveau Courrier* [O novo Correio]. Ocorre uma modificação no formato, a partir do qual os textos passam a ser alocados a partir de dossiês temáticos cujas matérias constituem-se partindo dos campos de ação centrais da UNESCO, além da educação, da ciência e da cultura, são incluídos tópicos de ciências sociais, comunicação e as notícias e ações da agência, como eventos e projetos subvencionados pela UNESCO.

Em 2006, o periódico retorna com a nomenclatura e forma original, adquire novamente uma periodicidade mensal e passa a ser disponibilizado também em formato eletrônico. As edições completas estão disponíveis em ambiente virtual, alojadas em uma página específica na plataforma da UNESCO e impressas na biblioteca e nos arquivos da sede da agência em Paris. A publicação

3 <http://www.Unesco.org/new/pt/Unesco-courier/the-magazine/>, acesso em 20 de setembro de 2012.

pode ser lida em formato PDF desde o primeiro número de fevereiro de 1948, que em oito páginas inclui a divulgação do programa da UNESCO daquele ano e a exaltação de suas temáticas centrais. O Correio da UNESCO se popularizou tornando-se o mais lido e de maior receptividade entre os demais periódicos publicados pelas agências das Nações Unidas.

A revista O correio da Unesco tornou-se um dos periódicos mais representativos da Organização sendo consolidado como o veículo de maior projeção da agência. A descrição de sua apresentação, em seu repositório eletrônico, relata a missão do periódico de “promover os ideais da Unesco, manter uma plataforma para o diálogo entre as culturas e prover um fórum para o debate internacional”⁴. O registro de que o periódico “*O Correio da Unesco é publicado pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura*”, seguido da informação de que “os artigos expressam as opiniões de seus autores que não necessariamente representam as opiniões da Unesco” resulta, por um lado, de uma postura de isenção diante das opiniões dos autores e, por outro lado, foi uma reação diante das críticas destinadas em relação a alguns temas abordados.

Com essa descrição, a UNESCO divulga a sua própria plataforma ideológica, porém assinalando se distinguir das ideologias socialistas e capitalistas. Édouard Glissant quando ocupava o cargo de editor do periódico, em 1988 descreveu sua função:

A revista tem cuidado em defender, em todos os domínios da cultura, educação e ciências, o ideal da justiça que honra a humanidade. Também é uma das raras publicações que revela e promove, de um horizonte a outro, a riqueza das civilizações individuais e a aspiração universal pelo compartilhamento do conhecimento (GLISSANT, 1988).

Pierre-André Taguieff (1998) ressalta que no período de concepção da Unesco havia um otimismo acerca da ciência como ferramenta para a construção de um antirracismo de base cognitiva algo que, no final dos anos 1940, constituía-se como o elemento de aposta na luta contra o racismo.

A revista, junto a outras publicações específicas, tornou-se um grande empreendimento editorial. Para Gastaut (2005) este material é um objeto fecundo quando se propõe a compor o percurso de um determinado assunto. A maneira pela qual os textos estão dispostos mostram algumas linhas de análise que permitem identificar uma trajetória em relação ao tema.

⁴ <http://www.Unesco.org/new/pt/Unesco-courier/the-magazine/>, acesso em 20 de novembro de 2014.

Aqui apresentamos de modo pontual alguns argumentos e modos de apresentação de algumas edições do periódico cuja temática central é a do investimento de uma estratégia de ação para o antirracismo propagado pela Unesco. Essa apresentação localiza os textos, a partir dos quais se pode identificar os objetivos e descrições relativos ao tema e, conjuntamente aos acontecimentos que de forma progressiva nos informam a quantificação de uma determinada variação sobre o tema. O esforço não foi o de realização de uma análise pormenorizada das edições e seus respectivos artigos que tratam deste tema, mas de uma busca em alocar os periódicos específicos aos argumentos que os autores imprimem internamente em suas escritas, exposições e observações em diálogo com os respectivos momentos históricos a que aludem. Isto nos permite estabelecer as atmosferas que impactam o debate levado a cabo pela Unesco no tocante à uma política antirracista.

O procedimento metodológico adotado ocorreu por meio de etapas a partir do levantamento das revistas repertoriadas na plataforma através de palavras-chaves. O período se estende desde o primeiro ano de publicação em 1948 até 2011⁵. Após este levantamento, foi realizada uma seleção das edições selecionadas, entre artigos específicos e edições completas sobre o tema. Posteriormente, procedeu-se à elaboração das linhas temáticas, agrupadas segundo os registros bibliográficos encontrados na plataforma, por intermédio de palavras-chave. Por fim, a etapa de análise dos textos para os limites deste artigo, foram reunidos por temas.

As imagens do projeto Unesco no Brasil

O antropólogo e etnólogo brasileiro Arthur Ramos escreve em um artigo sobre a questão racial e o “mundo democrático” publicado em 1949, no qual afirma que a “técnica do racismo”, causadora das guerras, gerou um desequilíbrio entre as nações, sendo o racismo uma consequência direta da “europeização e do imperialismo”. Ainda de acordo com Ramos, a antropologia constituiria a ciência ideal para compreender o desequilíbrio que advém dessas teorias, pois a disciplina ao ser reformulada com enfoque nas “relações humanas” possibilitaria uma inflexão no pensamento que caracterizava os agrupamentos humanos. A reinterpretção em relação ao desígnio da disciplina centrou-se na recusa de um de seus postulados principais: o de se afastar de uma

⁵ Palavras selecionadas e o número de ocorrências em parênteses: racismo (110); discriminação racial (109); raça (191); racismo e educação (4); discriminação racial e educação (6); estereotipo racial (9); preconceito racial (32); educação e raça (10); cultura e racismo (13). Fonte: <http://www.Unesco.org/new/pt/Unesco-courier/archives/>, acesso em 20 de setembro de 2012 (CRUZ, 2014).

perspectiva etnocêntrica, o que ocasionaria os conflitos entre os grupos. Dito de outra maneira, a antropologia se firmava como campo de saber que incorporava outras disciplinas anteriormente utilizadas para a compreensão das diversas culturas e cuja finalidade dirigia-se a fornecer alternativas para dirimir os conflitos em formações sociais com agrupamentos diversos, como por exemplo, a proposta em torno da aculturação.

Em um informativo⁶ contendo itens do programa de ação da Unesco de 1950 há um texto seguido da descrição da *Declaração sobre raça* publicada no mesmo ano. O texto do informativo expõe a pesquisa que seria concretizada no Brasil, descrita como nação que, a despeito de ter recebido grupos raciais diferentes aparentemente, não sofreria com o efeito de preconceitos raciais comparados a outras nações com análoga composição no que se refere a populações com diferentes pertencimentos étnicos e raciais (Unesco, 1950).

A publicação dos documentos científicos, a Declaração sobre raça de 1950 e a Declaração sobre a raça e as diferenças raciais de 1951 impulsionam a revista a divulgar os princípios expostos nos documentos. Em uma publicação especial no mês de junho de 1950 é apresentada na capa uma dedicação aos cientistas que corroboram a posição da Unesco contra o racismo. A edição apresenta um editorial com os aspectos centrais que aparecem no documento, apresentando o termo “mito” para se referir à raça e ao racismo. Ambos os termos, raça e racismo, são descritos como “mitos”, “alegorias falseadas”, e como tais poderiam ser desfeitos.

O antropólogo Alfred Métraux publica um artigo descritivo que apresenta os termos da declaração científica sobre raça de 1950. Em seguida, afirma que o preconceito é o efeito de um mito, o qual define como racismo que consiste em uma crença em que determinados indivíduos detêm defeitos e virtudes inatas e hereditárias (MÉTRAUX, 1950). Alfred Métraux, além de atuar como regente na escolha dos temas, projetou sua própria influência, evidenciada pela autoria em várias publicações especiais sobre a questão racial. Isto se deu, sobretudo, quando ocupou o cargo de chefe do Setor de Estudos Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. Seu desempenho como articulador entre os autores das pesquisas e dos relatórios conforme suas relações próximas, gerou certo descrédito público em relação a essas publicações (MAUREL, 2005).

Uma das ações diretas da Unesco encaminhou-se no sentido de mapear o modo como se

⁶ UNESCO, *La UNESCO et son programme* : la question raciale [A Unesco e seu programa : a questão racial] 1950, 11p (Tradução livre).

estabelecem sociabilidades em formações sociais nas quais convivem grupos racial e etnicamente distintos. Na descrição de atividades do programa da Unesco, a ser realizado em 1951, destaca-se a indicação de um “estudo experimental das relações raciais” a ser concretizado em “algum país da América Latina”, a fim de identificar os “fatores” sobre o desenvolvimento “harmônico de suas relações” (O Correio da Unesco, 1950). As linhas gerais da pesquisa são descritas no estudo dos problemas de países que estariam em processo de industrialização, locais com densidade populacional elevada e com intensos movimentos populacionais. Essa pesquisa convergiu na aposta da Unesco, ao visualizar e escolher o Brasil como modelo positivo de relações raciais. Esses estudos promoveriam o país como exemplo de sociedades que concretizaram a aculturação de “negros e índios na cultura ocidental” (MAIO, 1998). Essa perspectiva apareceria nas demais edições do periódico. Anteriormente, em 1950 a edição de agosto da revista retrata a pesquisa realizada no “país da igualdade racial” (O Correio da Unesco, 1950, p. 4). A narrativa de que as relações sociais no Brasil eram pautadas por uma “democracia racial” já estava presente no interior da Unesco, em parte pela presença de alguns expoentes de tal interpretação como Gilberto Freyre. Tal visão recebeu críticas elaboradas por Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento, as quais apontavam o “artificialismo de apresentar o Brasil no exterior como modelo de solução de convivência étnica” (NASCIMENTO, 1968, p. 74).

A proposta de um “programa de difusão de fatos científicos destinados a fazer desaparecer o que se convencionou chamar de preconceito de raça” (PINTO *apud* MAIO, 1999) ficou conhecida pela realização de pesquisas sobre relações raciais em variadas formações sociais. O programa aplicado no Brasil tornou-se conhecido por Projeto UNESCO “sobre relações raciais”. Conjuntamente aos resultados das pesquisas empíricas, são divulgados ensaios teóricos que difundiram um determinado modo de analisar as maneiras pelas quais as pessoas se relacionavam do ponto de vista racial. Esse ponto de vista tornou-se conhecido por um padrão metodológico de estudo das relações raciais, consolidado a partir dos anos 1950. Michel Banton (2010) conceitua tal metodologia “como um corpo geral de conhecimentos que tenta juntar num mesmo quadro estudos de relações de grupo em diferentes países e em diferentes períodos da História” (BANTON, 2010, p. 10).

A partir de sua esfera de execução, a pesquisa Unesco auxiliou para que a questão racial fosse retirada do interregno a que esteve relegada, fator que propiciava certo “tabu” acerca da questão racial no Brasil (*Op. cit.* p. 537). Ilustrada por fotos de Pierre Verger, a edição de

Agosto/Setembro de 1952 é consagrada a apresentar as sínteses das pesquisas concretizadas no âmbito do Projeto Unesco. A capa mostra um grupo de pessoas cuja legenda⁷ faz referência à descrição da pesquisa realizada no Brasil:

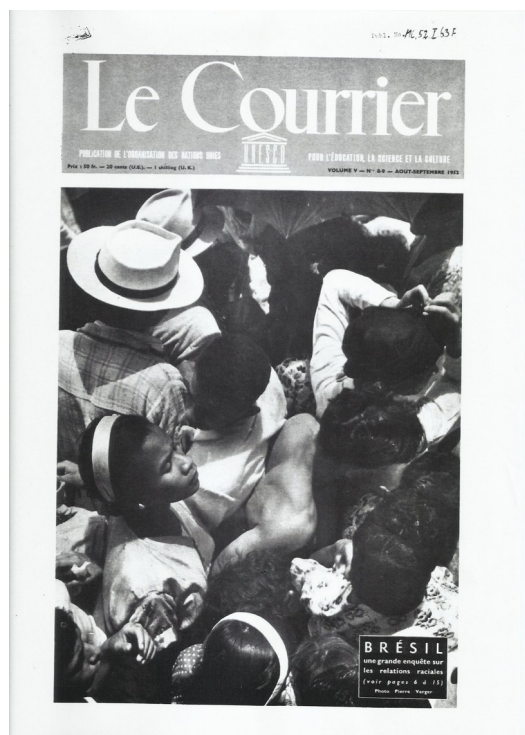


Figura 2- Capa do periódico *O Correio da Unesco* de Agosto/Setembro de 1952. Ano V, Nº 8/9, 12p. Foto de Capa de Pierre Verger (*Le Courrier de L'Unesco*, 1952, p. 1). © UNESCO/1952.

Alfred Métraux centraliza o texto de apresentação desta edição buscando responder à pergunta: “*Por que a Unesco realizou uma pesquisa sociológica sobre relações raciais no Brasil?*”. Em resposta à esta questão, por ele formulada, Métraux afirma que as vozes desfavoráveis à pesquisa apontaram que seria desnecessário realizá-la em um local que apresentava poucos conflitos raciais, mas em locais com episódios de “crise” em matéria de relações raciais (MÉTRAUX, 1952, p. 6). Métraux assinala que o objetivo de estudar o comportamento dos brasileiros “em matéria de raça” e verificar a veracidade das relações harmônicas no Brasil teve êxito a partir de análises que se inclinaram na percepção da positividade das relações raciais brasileiras. Há, ainda, um indicativo acerca da compreensão do papel dos “índios” e “negros” na “civilização brasileira”, numa clara alusão às ideias de Gilberto Freyre cuja influência foi importante para a escolha do Brasil na

⁷ *O Correio da Unesco* de Agosto/Setembro de 1952. Ano V, Nº 8/9, 12p. “Brasil uma grande pesquisa sobre relações raciais” (Tradução livre).

pesquisa proposta.

O discurso da “harmonia racial brasileira” avança no texto subsequente de autoria de Gilberto Freyre, que discute o papel dos negros na formação e na civilização brasileira⁸. A inserção deste texto baliza o valor das proposições de Freyre no pensamento da época, visto que há uma indicação de que o texto não pertence aos resultados da pesquisa realizada pela Unesco. Gilberto Freyre atuou como consultor junto às Nações Unidas e na Unesco, sua participação ocorreu especialmente nos debates acerca da luta contra o racismo e as tensões sociais. Por tal razão, sendo considerado um dos sociólogos brasileiros mais influentes na instituição, em parte, pela inspiração da percepção culturalista, possibilitou a construção da semântica da “democracia racial”, creditada ao Brasil. Para Maio (1997), Gilberto Freyre foi um dos artífices para a escolha do Brasil na política antirracista adotada pela Unesco, primeiramente, em razão de que destoava da leitura negativa de alguns intelectuais brasileiros acerca do caráter racialmente miscigenado da população brasileira.

Logo de início, a proposta de elevar a um caráter civilizatório o “aporte negro” é ratificada (FREYRE, 1952, p. 7). Desta descrição percebe-se uma das semânticas centrais que se desdobraram da obra de Freyre: o enredo discursivo de assentar de forma equivalente colonização e civilização. Assim desenvolvimento econômico e cultural teria sido responsabilidade de negros africanos, nativos indígenas e brancos portugueses na inter-relação entre etnias e culturas. Esse enredo discursivo sobre a experiência colonial brasileira é inventariado com o escravismo, o patriarcado, a família, a produção agrária e os trópicos – todos os temas desenvolvidos por Freyre. Cada um desses elementos subsidiaria um tipo de civilização designadamente brasileira em que os “negros formam o elemento de base, mas não o sistema inteiro” (*Op. cit.*, p. 7). Esse é o contexto a partir do qual Freyre constrói uma narrativa sobre a importância do papel dos negros no Brasil, não apenas pela “participação” econômica, mas também pela influência cultural e na organização social brasileira.

Freyre exibiu uma cadeia discursiva construindo a influência do elemento negro, visualizada, sobretudo, na conceituação de uma “cultura” pautada na especificidade, em uma forma, um jeito de ser brasileiro, algo que se poderia definir como uma “essência”, a “alma negra” (*Op. cit.*, p. 7).

Parte das narrativas que constituem contemporaneamente algumas representações imagéticas

8 *O Correio da Unesco*, n. 6/7, 1950, p.7-8.

sobre o Brasil decorrem dos argumentos de Freyre para caracterizar a especificidade das relações raciais brasileiras. Expressões carregadas de uma adjetivação positiva como “*ritmo*”, “*charme*”, “*sorriso*”, “*alegria*”, expressam um léxico narrativo associado ao Brasil. A semântica da geografia do trópico é mobilizada uma vez que articula uma determinada narrativa de tempo e espaço. Encontrar-se situado nos espaços assinalados pelos trópicos é ser identificado como parte de um tipo peculiar de representação. Há uma atmosfera que cinge o espaço dos trópicos e o transforma em um artefato de representação de um lugar como espaço de “propaganda moderna”, onde figuram determinados tipos de “seres”. Habitá-lo é ser alocado em outra temporalidade e carregar um caráter ambíguo, dado que “os trópicos, que de fato são brutalizados por dívidas e devastados pela fome e subnutrição, se tornaram os que detêm o privilegiado sentido do erótico, do divertimento, do prazer, da folga ilimitada” (HALL, 2005, p. 9). Tal representação exportada para o mundo ressoa ainda nas narrativas sobre os lugares e formações localizadas nos trópicos. Tal representação se desdobra em um modelo de “povo” para a Unesco em matéria de relações raciais. A construção de uma narrativa que coloca o negro como “o polo alegre daquela antiga sociedade escravocrata que, a rigor, deveria ser fundamentalmente triste” (PAIXÃO, 2005, p. 491).

O imaginário a respeito do Brasil será expresso pela mítica de um corpo. Um corpo em geral descrito no feminino é aquele que manifesta os “tipos mais originais de graça e de beleza feminina do Brasil” impregnado de um “charme” que se colore com os tons dos trópicos (FREYRE, 1952, p. 8). Um corpo com elementos que as “jovens brancas” ou as que não têm “uma gota de sangue indígena” não possuem. Este ícone descrito sempre no singular, o corpo. Um corpo com admirável poder sedutor. Caracteristicamente brasileiro, o corpo que se faz mestiço, com uma beleza particularmente mestiça, fruto da mistura, o corpo lascivo, o “corpo sonoro” (HALL, 1997). A narrativa de Freyre constrói um corpo em movimento, pois tem uma particularidade na maneira “de andar, rir e dançar” é híbrido, dado que mestiço, possuidor de qualquer coisa da “alma negra” (*Op. cit.*, p. 8).

Deve-se observar certa inversão na narrativa freyreana sobre a formação da nação brasileira que destoa das tradicionais formas de construção das narrativas nacionais. Parte das narrativas das nações é, segundo Hall (2011), formada por uma textualidade que tenta suprimir as diferenças culturais produzindo o povo no singular. Freyre estabelece uma tensão a tal perspectiva, ao desvincular tal ideia e produzir o Brasil e sua população por meio da contribuição de determinados elementos dos diferentes grupos – branco, negro e índio – cada qual com sua contribuição cultural.

São, portanto, os temas do caráter civilizatório do negro, a humanização da escravização pelos portugueses entre outros, que vão sedimentar a ideia posteriormente denominada de “democracia racial”. A “cozinha afrodisíaca”, a “música”, as “histórias de ninar e de fantasmas”, são ingredientes de algo “pitoresco, vivo e criador” proveniente da influência africana no Brasil (FREYRE, 1952, p. 8). Isso é o que difere para Freyre – e ao final do texto ele responde aos anseios da Unesco naquele momento histórico – as relações raciais no Brasil dos Estados Unidos e da África do Sul, de modo que o Brasil poderia oferecer exemplos de convivência a outras nações com conflitos raciais. O país forneceria, segundo Freyre, identificações que não excluiriam, mas agregariam de modo que qualquer negro “dotado de instrução literária” teria a possibilidade de se considerar não apenas um cidadão brasileiro dotado de “plenos direitos”, mas um latino (*Op. cit.*, p. 8). Após o texto de Métraux que apresenta a pesquisa da Unesco e o texto de Freyre que exhibe as especificidades da formação brasileira, os artigos seguem, nessa edição especial sobre o Projeto Unesco, explorando os resultados parciais e as especificidades encontradas em diferentes regiões brasileiras que compuseram o projeto.



Les relations raciales sont généralement équilibrées par les autres facteurs sociaux à pour conséquence de diminuer considérablement leur effet sur le comportement. On trouve dans les études de ce type un fait qui se répète à nouveau dans un grand nombre de sociétés humaines : les individus qui appartiennent à une classe sociale inférieure et qui sont dépourvus de prestige ou de statut social ne sont pas toujours conscients de leur position sociale. On trouve dans les études de ce type un fait qui se répète à nouveau dans un grand nombre de sociétés humaines : les individus qui appartiennent à une classe sociale inférieure et qui sont dépourvus de prestige ou de statut social ne sont pas toujours conscients de leur position sociale.

par Charles Wagley
Professeur d'anthropologie à la Columbia University

(Linda). Il est possible plus difficile pour lui de parvenir à connaître son rang social dans la chose que dans les autres. Malgré le rôle relativement peu important que jouent dans la classification sociale les critères raciaux, la position des individus appartenant aux classes sociales inférieures est déterminée par un grand nombre de facteurs sociaux, économiques et culturels. Ce sont ces facteurs, et non les critères raciaux, qui sont les plus importants pour la fixation de la position sociale dans une société donnée.

Il faudrait plutôt chercher les causes de cette situation dans la mesure où laquelle les avantages économiques et éducatifs ont été favorisés de ces groupes historiquement défavorisés qui se sont, toutefois, parvenus à un statut social élevé. On trouve dans les études de ce type un fait qui se répète à nouveau dans un grand nombre de sociétés humaines : les individus qui appartiennent à une classe sociale inférieure et qui sont dépourvus de prestige ou de statut social ne sont pas toujours conscients de leur position sociale.

Dans cet ordre d'idées, le fait qu'il n'y ait pas de ségrégation officielle ni de discrimination basée sur l'origine raciale, mais que l'on puisse tout de même constater une ségrégation professionnelle et éducatifs, est d'une importance capitale. Il est évident que la ségrégation sociale est présente dans les sociétés qui sont caractérisées par une grande école sociale, mais que la ségrégation sociale est moins marquée dans les sociétés qui sont caractérisées par une grande école sociale, mais que la ségrégation sociale est moins marquée dans les sociétés qui sont caractérisées par une grande école sociale.

est difficile d'imaginer dans ces circonstances le comportement au Brésil. D'un point de vue anthropologique, la réponse à cette question dans la région de São Paulo est la suivante : le fait que ces personnes aient des emplois de type intermédiaire prouve dans un sens que ces personnes ont une certaine conscience de leur position sociale. Les gens qui travaillent dans des emplois de ce type ont une certaine conscience de leur position sociale. Les gens qui travaillent dans des emplois de ce type ont une certaine conscience de leur position sociale.

Dans le Brésil rural, les gens de couleur se trouvent dans la mesure où les facilités économiques et éducatives sont plus importantes que dans les sociétés caractérisées par une grande école sociale, mais que la ségrégation sociale est moins marquée dans les sociétés qui sont caractérisées par une grande école sociale.

Figura 4 - Fotografia de Pierre Verger que ilustra o texto de Charles Wagley (1952, p. 13).
© UNESCO/1952.

De forma característica, o Brasil figurou no periódico *O Correio da Unesco* como um exemplo de relações raciais. No entanto, mais que exemplo, as definições agregam elementos para estabelecer um histórico das maneiras pelas quais as relações sociais brasileiras se constituíram organicamente de forma racializada e de que maneira aqueles que pensavam o Brasil descreviam tal racialização. Desse modo, é possível intuir a instauração da trama que envolve a “harmonia das relações raciais brasileiras” e como a proposta de que esta sociedade poderia servir de exemplo às demais são construídas e popularizadas nas narrativas expressas na revista. O enfoque no comportamento, nas atitudes e em quais seriam os métodos mais adequados para captar as relações raciais direcionou os demais tipos de pesquisa realizada pela Unesco nesta matéria.

Na edição de agosto de 1953 é descrita uma bibliografia da Unesco sobre o antirracismo cujo objetivo é “encorajar os estudiosos a exprimir suas opiniões” e segue com a descrição das obras publicadas, afirmando que serão ainda mais “enriquecidas” a “cada ano com novas obras”⁹. A apresentação dos textos, que ficou novamente sob a responsabilidade de Alfred Métraux, expõe a afirmação da unidade da espécie humana de modo que é a cultura que se modifica, nesse sentido é no campo da cultura que os questionamentos devem ser colocados.

A perspectiva introduzida por Métraux de que o combate ao racismo deveria ser dirigido para as práticas que possibilitam sua existência, cujo corolário é principalmente a relação que se faz entre raça e cultura, permanece entre as indicações da Unesco. Essa recomendação insere-se na ótica de que o pensamento racial estaria diretamente associado à construção do pensamento científico sendo, portanto, algo possível de ser desconstruído especialmente pelas pesquisas e materiais informativos nos quais os cientistas divulgavam os equívocos do pensamento racial. Tais alegações surgem das constantes críticas às pesquisas desta natureza, ao que Métraux responde à função da ciência, algo próprio daquele tempo, uma “ideia forte” que atua em osmose com a educação. Essa crítica se referia aos usos da ciência na produção e perpetuação de “doutrinas racistas”. O racismo operaria por meio do preconceito racial que não existe por conta da “ignorância” ou de “conhecimentos intelectuais”, mas de “atitudes de ordem emotiva” (MÉTRAUX, 1953, p. 3).

⁹ Descreve as obras nas quais são disponibilizadas as pesquisas encomendadas pela Unesco sobre o tema. *O Correio da UNESCO*, 1953, Ano VI, N° 8/9, pp.18-19.

A experiência pós-colonial e o apartheid como antíteses brasileiras

Entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960 a Unesco é ampliada com a entrada dos países que em sua maioria vivenciavam recentes processos de descolonização, trazendo demandas específicas de suas experiências. Tais países localizados no espaço do Terceiro Mundo tornam-se alvo prioritário das ações da Unesco (MAUREL, 2013). Em 1960, há uma indisposição da agência com os países que ainda exerciam a prática colonialista. A alteração na orientação das ações da Unesco é então direcionada para o desenvolvimento, terminologia que se tornaria genérica para os países que ocupariam o local de Terceiro Mundo. Promover o desenvolvimento econômico que, por sua vez, incitaria o desenvolvimento cultural e individual das nações, tornou-se uma plataforma de ação política relacionada à garantia de auxílio técnico aos países que estavam conquistando autonomia política. Nos anos 1960, consolidou-se a distinção de nação “desenvolvida”, não apenas para aquelas que detinham certa medida econômica, mas que possuíam certo alcance cultural, algo que se popularizou igualmente pelo seu uso contrário no termo “subdesenvolvido”. Ambos os termos se tornaram equivalentes medidas de avaliação, para ser considerado desenvolvido adicionaram-se os elementos culturais, a educação, a ciência. De modo que estas últimas, ao serem estimuladas no interior das nações, promoveriam de forma paralela o desenvolvimento econômico.

Com os processos de descolonização dos anos de 1960 ao final dos anos 1980, as temáticas centrais que ascendem nas edições de *O Correio da Unesco* são dedicadas a divulgar o debate promovido sobre os diversos modelos de relações raciais e os efeitos do racismo concretizados no contexto de *apartheid* na África do Sul. Anteriormente, em 1956, a África do Sul havia se retirado da Unesco, alegando que algumas ações, como livros e publicações temáticas “interferiam” nos “problemas raciais” do país, considerando que as questões raciais eram problemáticas internas ao país, de modo que qualquer intervenção externa afetaria a soberania nacional, algo caro às Nações Unidas.

Em 1960 foi publicado um número especial, cuja capa está no início deste artigo, que destacou a preocupação do Conselho Executivo da Unesco com os crescentes casos de ódio racial e manifestações antissemitas e fez referência à Declaração Universal dos Direitos Humanos e ao Ato Constitutivo da Unesco. O editorial¹⁰ demonstra o desapontamento com o crescimento do racismo, cuja crença em sua diminuição era dada como certa após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Destaca que os registros de casos de hostilidade e violência racista e antissemita

10 *O Correio da UNESCO*. 1960, Ano XIII, N° 10, pp. 4-5.

impactavam as Nações Unidas cuja orientação para suas instituições específicas, em especial a Unesco, para pesquisas “científicas modernas” visava descortinar as causas sociais e psicológicas das manifestações racistas.

O complexo alicerce de funcionamento do *apartheid* tornou-se constante nos números da revista neste período. Os textos descreviam a impossibilidade de mobilidade corporal interditando os casamentos inter-raciais e confinando-os a lugares específicos, o assento do transporte, o banco do parque, a rua, a escola, o banheiro... Em tão alto grau que muitos africanos eram expulsos dos espaços onde apenas sua presença poderia causar “dificuldades” (O Correio da Unesco, 1965, p. 22). Nesse aspecto tais práticas eram extensões do colonialismo pelo investimento no modo de ordenação das pessoas, articulando estratégias de controle e dominação.

Ao analisarmos as mudanças entre o tipo de pesquisa realizada pela Unesco acerca da questão racial, desde a sua formação, e as pesquisas sobre o *apartheid*, verificamos um deslocamento do foco de tais pesquisas, pois enquanto as pesquisas iniciais se dirigiram a mapear e propagandear os “casos positivos”, o *apartheid* é intensamente pesquisado como uma experiência negativa de relações raciais. As pesquisas de caráter descritivo mostram os efeitos da política do *apartheid*, suas consequências e proposições para sua finalização.

No final da década de 1970 há uma retomada de artigos do periódico para a divulgação de imagens de sociedades que apresentam experiências positivas sobre as relações raciais. Em 1977, a revista publica uma edição especial sobre a América Latina, que busca descrever as contribuições das culturas ibéricas, autóctones e africanas que atribuem a este espaço uma “imagem cultural única” (O Correio da Unesco, 1977). Entre os textos que procuram definir “qual é a cultura” desta “constelação de povos”, a revista apresenta artigos dos “mais eminentes pensadores” da América Latina. Como exemplo de convivência de culturas diversas, surge novamente Gilberto Freyre¹¹ apresentando a experiência afro-brasileira como alternativa para as novas realidades especialmente das recentes “repúblicas africanas, do oriente e outras nações” no que se refere às relações raciais (FREYRE, 1977, p. 13).

Freyre recupera a narrativa do Brasil como país mestiço, um lugar onde se criou um “novo tipo de civilização” pautando-se sobre os aspectos da cultura brasileira que são identificadas como oriundas da mistura de negros, brancos e indígenas que compõem o que segundo o autor é uma

11 O Correio da UNESCO, 1977, Ano XXX, Nº 8-9, pp. 13-18. Este texto viria a ser publicado novamente com algumas modificações, na edição de maio de 1986.

“metarraça”. Discorre sua tese central da existência de uma “*metarraça*”, o “*ethos*” da formação da sociedade patriarcal brasileira. Esse “novo” povo cuja ascendência é diversa de africanos que, mesmo em condição escrava, “africanizaram” este espaço junto aos “principais fundadores da nova cultura”, os europeus. Essas matrizes se fundamentam como algo que extrapola ou “excede” a noção de raça como descrição de apenas um grupo, a “metarraça” brasileira (forjada em torno do pertencimento nacional) não é una, mas tríplice, assumindo o aporte europeu, ameríndio e africano. A base culturalista de sua análise, presente na “metarraça” brasileira, somente pôde se realizar na medida em que as três raças atuavam como “estabilização cultural”, como complemento e não afastamento. Freyre tece seu discurso recorrendo à metáfora acerca da mestiçagem brasileira, apresentando-a como exemplo da intensa influência do negro não apenas econômica, mas, sobretudo, cultural. Essa influência pode ser observada, por exemplo, na “africanização” do catolicismo (que se realiza na mimese do enegrecimento de santas e santos católicos).

Freyre constrói uma semântica com termos como “*mistura-forma-alegria-colorido-desenvoltura-ritmo-intensidade-criatividade-audacia*” junto à da mestiçagem que posteriormente seria traduzida na “*morenidade*”, léxico empregado para diferenciar o negro brasileiro do negro estadunidense. Essa é a diferenciação da metarraça brasileira, que não se centra na identificação de origem étnica, pois a realidade nacional brasileira suplantaria a necessidade da origem, fixando-se no resultado que emerge da mistura. Isso, porém não ocorreria sem conflitos.

Junto ao texto de Gilberto Freyre figura outro do escritor brasileiro Jorge Amado sobre o caráter da mestiçagem na formação brasileira¹². Apresentado como um dos maiores romancistas latino-americanos, Amado dá início ao texto certificando o caráter mestiço do povo brasileiro e a condição de contínua mistura que ocorria entre os brasileiros. Essa seria a contribuição brasileira para cultura mundial e a humanidade: a disposição e capacidade de se misturar “um pouco cada vez mais” (AMADO, 1977, p. 18). Jorge Amado narra essa habilidade de misturar-se, na capacidade de não impor hierarquias, assim brancos e negros seriam igualmente importantes, no campo da “mistura” a “palavra-chave da cultura brasileira” (*Op. cit.*, p. 18).

A representação ordenada por Jorge Amado sobre o caráter do brasileiro permeia um pensamento imagético que projeta uma caricatura de um discurso comum sobre os negros brasileiros. Esse discurso compõe ainda na contemporaneidade as representações do passado escravista brasileiro no qual o negro desenvolve a capacidade de “resistir à miséria, à opressão” e

12 O *Correio da UNESCO*, Ano XXX, N° 8-9, 1977, pp. 18-19.

mesmo envolto em uma atmosfera de adversidades possuiria uma capacidade de “rir e amar a vida” (*Op. cit.*, p. 18), essa seria a contribuição negra para a mestiçagem brasileira. Jorge Amado aponta que a cultura brasileira, por se constituir mestiça, é forjada na luta contra o racismo e reconhece que há pessoas racistas no Brasil, mas que isso não se refletiria em uma filosofia de vida racista, porque de fato havia uma filosofia brasileira de vida “profundamente antirracista por excelência” (*Op. cit.*, p. 19).

Muitas das análises dos estudos pós-coloniais fixam-se nos estudos textuais utilizando a estética das narrativas como objeto de análise. A natureza representacional do romance, por exemplo, seu caráter heteroglóssico, ou seja, a diversidade de linguagens que nele habita, demonstra a escolha desses estudiosos em dirigirem atenção para a análise de tais narrativas. Os romances são objetos potentes para apreensão das maneiras de representação. o texto do romance fala em um tempo e com um tempo atua como um elemento de representação de artefatos simbólicos: o povo, o ambiente, a escolha da linguagem utilizada, o tipo de narrativa produzida.

Ambas as narrativas, de Gilberto Freyre e Jorge Amado, nos oferecem pistas interessantes para identificar elementos de uma dada narrativa estruturada racialmente. Sobre sua própria atuação como sociólogo Freyre a descreve como “criação sociológica” que se refere ao modo como os cientistas sociais atuam por “projetarem alguma coisa de si próprios” ou de uma “imaginação científica, vizinha da artística e da filosófica” (FREYRE, 1956 *apud* MAIO, 1997, p. 222).

Ambos usam uma narrativa que “*nos traz à mente* imagens das coisas que indica”¹³ (WHITE, 1994, p. 108). Gilberto Freyre constrói o texto empregando um vocabulário no qual os negros, os brasileiros estão em ação “*ativa*”, “*dinâmica*”, “*influyente*”, “*eles são*”, “*eles contribuíram*” “*eles participaram*”. Jorge Amado é um dos autores mais representativos de um tipo de produção romanesca como uma narrativa da nação, que “fala para a nação”, dando um lugar fundamental à “cultura negra”. Para corroborar sua tese, Amado destaca as produções culturais de personagens ilustres da história do Brasil e finaliza afirmando que “felizmente são todos misturados” (AMADO, 1977, p. 19). Jorge Amado utiliza termos como “*nós somos*” “*nossas características*” “*nossa capacidade*” “*nosso desenvolvimento*” (*Op. cit.*, p. 19).

As textualidades de Amado e Freyre, cada qual no seu campo específico, podem ser lidas como exemplos, por vezes ambivalentes, que cercam a representação discursiva sobre o brasileiro e

13 Grifos do autor.

suas relações raciais. Há um *excesso* (BHABHA, 1992) que marca o corpo negro. Um corpo descrito pela sua superfície, a presença negra é grifada pelo excesso, por uma medida que não é previamente definida, mas que está no lugar da “resistência” que se soma a “um riso”, “um movimento” a mais, sempre um algo a mais. Bhabha descreve o que gira envolto ao “corpo [que] se encontra sempre e simultaneamente inscrito tanto na economia do prazer e do desejo quanto na do discurso da dominação e do poder” (BHABHA, 1992, p. 180).

O que Freyre e Amado de alguma maneira evidenciam é a utilização política do discurso da convivência com pessoas pertencentes a grupos racialmente diferentes. O mesmo discurso que faz uma diferenciação entre “*nós*” e “*eles*” é reutilizado com outras roupagens, a distinção não deve ser um elemento de separação, mas o da união, da “mistura”. Essa perspectiva freyreana de país “racial e culturalmente miscigenado” tornou-se para o Estado brasileiro uma “ideologia não oficial” (SCHWARCZ, 1993, p. 325). Em 1986, o Brasil aparece novamente em destaque em uma edição completa dedicada ao “gigante do século 20”¹⁴. A perspectiva de um modelo de relações raciais mantém-se em textos variados com toda a narrativa do país de “cultura original, que respeita os usos, as crenças e os costumes das diferentes etnias que compõem a sua população” (O Correio da Unesco, 1986, p. 3).

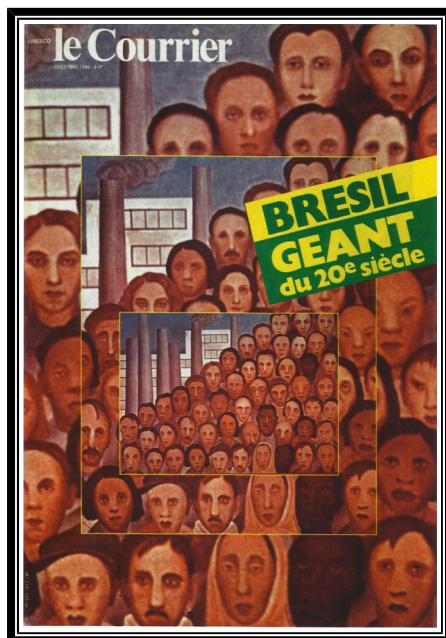


Figura 3 - Capa da revista *O Correio da Unesco*, de dezembro de 1986, consagrado ao Brasil. UNESCO/1986.

14 *O Correio da Unesco*, 1986, Ano XXXIX, Nº 12, pp. 4-46.

O combate ao racismo e outros contextos

A publicação de uma edição destinada ao trabalhador imigrante em 1985 traz o tom que passaria a exercer uma inflexão no pensamento sobre a questão racial. O texto do sociólogo britânico Robert Miles indica uma transformação na orientação das análises acerca da questão racial. Ao examinar o contexto de discriminação no Reino Unido, sua analítica se volta para os conflitos raciais acerca da imigração¹⁵ (MILES, 1985, p. 21). A ampliação do emprego da palavra racismo para denominação de conflitos não apenas entre grupos racialmente, mas culturalmente distintos, adquire relevo nos artigos da revista a partir do final da década de 1980 como um reflexo do debate no âmbito do pensamento social.

A articulação do racismo como uma forma de violência torna-se objeto de muitos autores. A imagem de um rapaz jovem, pobre, imigrado ascende na análise como um “problema negro”, o emprego da descrição “negro” reforça essa imagem, a representação de que esta figura potencialmente poderá se envolver em um conflito que será então descrito como racial. O sociólogo Michel Wieviorka¹⁶, que coordenou a edição, estabelece uma ponderação conceitual na violência interpretada como racista, uma vez que interpreta que o racismo não é apenas verificável no âmbito da hostilidade. O autor estabelece uma diferença entre o racismo direto, o da violência física e o racismo expresso com base em preconceitos raciais. Para se caracterizar como racismo, há que se ter um conjunto de fatores que atuem simultaneamente. Na analítica de Wieviorka, o primeiro elemento que propicia a perpetuação do racismo reside na atitude do poder público mediante ao ato racista. A ausência de um poder público encoraja a possibilidade, seja individual ou coletiva, de exercer e divulgar atos racistas. O caráter racial estruturalmente impresso nas instituições, ao atingir o funcionamento dos estabelecimentos públicos, perpetuaria o racismo.

O racismo é outra vez tema exclusivo de uma edição em 1996, dirigida para a compreensão de sua “origem”¹⁷, considerando a continuidade de casos atribuídos ao fenômeno como demonstra o tom do debate. Novamente a publicação é organizada por Michel Wieviorka, que atribui ao racismo o sentido de um “corolário da modernidade”, efeito de uma “mundialização econômica” e do recrudescimento das “especificidades culturais” (WIEVIORKA, 1996, p. 10).

O dossiê¹⁸ aberto com o texto do organizador que assinala uma mudança desencadeada no

15 *O Correio da UNESCO*, Ano XXXVIII, Nº 9, 1985, pp. 21-23.

16 *O Correio da UNESCO*, 1993, Ano XLVI, Nº 2, pp. 13-15.

17 *O Correio da UNESCO*, 1996, Ano 49º, Nº 3, pp. 3-50.

18 Os autores: WIEVIORKA, M.; BALIBAR, E.; STEINBERG, S.; JACQUARD, A.; REICHMANN, E.; LÉVI-

período posterior à Segunda Guerra Mundial junto com as descolonizações, o racismo colonial e o antissemitismo induziram a crença no fim do racismo em escala global, especialmente na Europa e, deste modo, estaria composto o caminho que permitiria a conclusão da modernidade¹⁹. No entanto, segundo Wieviorka, a partir dos anos 1970 a certeza de que o crescimento econômico ligado a uma organização política pautada na democracia culminaria na erradicação da pobreza e conseqüentemente na queda do racismo foi suplantada, fórmula que já nos anos 1960 sinalizava para o fracasso. Essas diversas experiências demonstram uma pluralização no léxico do racismo, definido como uma prática de cunho racista que opera sobre outros grupos, seja pela cor da pele, pela nacionalidade, pela casta, pela religiosidade.

Considerações finais

A análise aqui resumidamente apresentada a respeito das construções imagéticas da revista *O Correio da Unesco* sobre o racismo permite visualizá-la como uma estratégia de comunicação, não somente por sistematizar e conferir uma determinada aparência à temática racial, mas por dar visibilidade às ideias e ações da Unesco.

A edição especial “*Antologia do Correio da Unesco*”²⁰ sobre o percurso de seus primeiros 21 anos de existência reafirmava sua missão original de combater pelo texto e pela imagem os conflitos entre os povos. Sob a alegação de trazer as histórias de homens e mulheres de países desconhecidos, estabelece-se a possibilidade de vencer a ignorância e permitir aos povos se conhecerem e compreenderem (*O Correio da Unesco*, 1969, p. 4). A última edição em que aparece um texto completo sobre a temática racial é no número comemorativo dos 60 anos da revista, em 2008. Nesta edição, o texto de Doudou Diène identifica o caráter “mutante” do racismo que continuava a agir junto a outras ideias como as de inspiração xenófoba. O cenário estaria sendo modificado com o reconhecimento do multiculturalismo como uma “realidade” (DIÈNE, 2008, p. 9). A entrada da temática do multiculturalismo no debate sobre a questão racial modifica o modo de apreensão do conflito, retirando-lhe de um campo exclusivamente racial, no qual prevaleciam estudos e argumentos para descaracterizar a noção de raça e conseqüentemente de racismo, para situá-lo num polo cultural. Nesse eixo, os grupos são retirados do léxico da raça e conduzidos ao da

STRAUSS, C. *O Correio da UNESCO, 1996, Ano 49º, N° 3, pp. 10-13.*

19 WIEVIORKA, M. *O Correio da UNESCO, 1996, Ano 49º, N° 3, pp. 10-13.*

20 *Correio da UNESCO, uma janela aberta sobre o mundo. O Correio da UNESCO. Ano XXII, N°8/9, 1969, pp. 4-80.*

cultura, algo que pode ser visto no crescimento da expressão “*aprender a viver juntos*” que se tornaria a propaganda mais forte da Unesco.

É possível identificar um declínio da temática do racismo no periódico, inicialmente as primeiras publicações estiveram voltadas para debater a matéria. Desde a fundação da revista até os anos 1960, o percurso antirracista através dela difundido apresenta um direcionamento atrelado à política da Unesco de equacionar as problemáticas raciais junto à publicação das declarações científicas sobre a definição do racismo e da raça. A divulgação de pesquisas com experiências positivas e de convivência racial pacífica predomina nos artigos. Há, portanto, uma transição do campo das ciências naturais para as ciências sociais e da mudança do léxico do corpo humano para o léxico da cultura. A partir dos anos 1960 as pesquisas são direcionadas à compreensão dos aspectos comportamentais e individuais da discriminação e do preconceito racial. Os investimentos na linguagem, nos modos de constituição que sustentam práticas racistas são intensamente divulgados e a educação aparece como pauta central de combate ao racismo.

Nas décadas de 1970 e 1980, a analítica sobre o *apartheid* se torna mais central nos artigos sobre a matéria, de modo a ser alvo de pesquisas específicas e de divulgação na revista. As análises centraram-se nos aspectos de execução percebe-se uma ênfase na leitura do *apartheid* como uma estrutura que atuava fracionando o espaço e impedindo não apenas o movimento dos corpos, mas a condição social e cidadã dos grupos.

A partir dos anos 1990 até os anos 2000, a questão racial se volta para as problemáticas no interior do contexto europeu, deslocando-se dos contextos americano e africano a partir das questões ligadas à imigração e dos conflitos urbanos.

Uma das finalidades intensamente procuradas pela Unesco com a assídua exposição dos materiais por ela produzidos dirigiu-se a difusão das ideias produzidas sob os auspícios da ciência. Assim sendo, há uma percepção de que a ciência poderia atuar na sociedade de duas maneiras, uma tecnicista ao construir mecanismos para mudanças materiais, e outra intelectual “modificando os modos de pensamento” (UNESCO, 1950). Hall (1997) argumenta que a ciência obtém uma “função cultural”. Por função cultural Hall entende os modos pelos quais a produção científica auxilia na construção de um determinado modo de abordagem sobre um assunto.

No caso da Unesco uma das funções atribuídas à ciência, nesta matéria, concerne ao modo como se deve pensar sobre o racismo, a raça e a questão racial. Essa indicação sobre um modo de

pensar está intrinsecamente ligada à possibilidade de ação que possa conferir alguma concretude, neste caso, a linguagem e imagem considerada como a adequada e correta, tendo assim, um modo de inserir-se na ação, de operar de forma diretiva no “real”. Esse modo de atuação advém da crença na ciência como arcabouço onde se localiza o saber, o modo correto de tratar o tema, os modos apropriados de se falar sobre o assunto em pauta. A educação é a ferramenta, o método pelo qual os resultados seriam alcançados. Tal postura propiciou que parte da ênfase fosse dirigida ao controle de comportamentos racistas, havendo certa ausência das questões estruturais que permitiam a permanência do racismo. De maneira geral, analisar esse histórico demonstra algumas das interpretações dadas ao racismo como forma de violência, de opressão, como tipo de comportamento, como forma de governo.

A representação do Brasil exposta nas edições da revista da Unesco construiu uma narrativa imagética cuja influência ressoa na contemporaneidade. As leituras da obra de Gilberto Freyre têm reposicionado o impacto de sua narrativa sobre o Brasil. Por um lado, embora ainda se tenha adeptos, mantém-se a crítica sobre a leitura harmônica das relações raciais brasileiras e, por outro lado, considerando a perspectiva introduzida nas ciências sociais e na historiografia brasileira, valoriza-se a posição dada ao negro como um personagem civilizador do Brasil. De outro ponto, o argumento a respeito da “inabilidade” dos indígenas em se acostumar à rotina de trabalho justificado por seu caráter “nômade” é descrito como um estilo cultural e não de qualquer existência de uma “psicologia da raça ou do caráter racial” que induziria a incapacidade dos indígenas. Essa interpretação tornou-se copiosamente utilizada para justificar a vinda dos africanos, explicação que perdurou durante muito tempo na analítica historiográfica sobre a escravização dos negros africanos no Brasil.

Aqui se percebe os modos de produção da estereotipia do corpo negro. Frantz Fanon (2008) identifica que a estereotipia no contexto colonial é baseada em hierarquizações raciais, a ênfase é dada nas formas pelas quais o corpo negro é representado, ora pela brutalidade e pela violência, ora pelo exótico. Se, no período colonial o corpo negro trazia em si a marca da impureza, em Freyre e Amado, por exemplo, são atribuídas outras textualidades. Os autores produzem outro tipo de representação estereotipada. A “resistência”, o “riso”, o “sabor”, o “sangue negro” são como artefatos desse corpo que ao serem metaforizados como em uma tela adquirem textualidade de modo tal que podem ser “lidos” ou “audíveis” por esse corpo que “fala”. Outra vez o sujeito racializado, incorrendo em todas as narrativas “materializadas” no corpo negro. Essa figura é a

representação desse tipo de pensamento, é como um personagem, uma imagem única e generalizada. Fazem referência ao conhecimento de um “esquema corporal” como conceituado por Fanon “em terceira pessoa [...] em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas” (FANON, 2008, p. 104). São nas diversas combinações, nas qualidades simbolizadas no corpo onde habita a ambiguidade, as narrativas que contemporaneamente estão disponíveis e sendo reencenadas.

No entanto, mais que exemplo, as descrições agregam elementos para estabelecer um histórico ao modo como as relações sociais brasileiras se constituíam organicamente de forma racializada e de que maneira aqueles que pensavam o Brasil descreviam essa racialização. De forma geral, nos estudos contemporâneos sobre as relações raciais brasileiras, há um consenso no que toca à perspectiva de que os resultados das pesquisas do Projeto Unesco apontaram o contrário de sua proposta inicial: a do Brasil como país que equacionou as suas relações raciais. Tal exposição pode ser visualizada nas edições em que o Brasil figura como protagonista, pois mesmo após as conclusões de que havia conflitos raciais no Brasil, anos depois o Brasil aparece na revista como exemplo sociabilidade na qual a dimensão racial não é um impeditivo.

A postura argumentativa exalta as “relações harmoniosas” embora os resultados apontassem que as relações em termos raciais não “eram tão harmônicas assim”, havia uma crença, uma espécie de esperança de que em um futuro próximo, quando o Brasil alcançasse o pleno desenvolvimento e adentrasse à modernidade, tal proposição se confirmaria. Não obstante, os resultados foram creditados à existência de um preconceito de cor sustentado por um preconceito de classe muito mais intenso, ainda que as problemáticas de cunho racial nas cidades decorressem de um processo de acelerado desenvolvimento pelo qual passava o Brasil.

Desse modo, percebe-se como a instauração da trama que envolve a “harmonia das relações raciais brasileiras” e como a proposta de que esta sociedade poderia servir de exemplo às demais são construídas e popularizadas nas narrativas expressas na revista.

Mesmo as evidências apontando a existência de uma organização racialmente sistêmica que faz funcionar as relações sociais baseadas na percepção racial tal dinâmica, ainda na contemporaneidade, é interpretada como algo do âmbito pessoal e não algo estrutural. A descrição dos exemplos e os objetos selecionados para a descrição são voltados a posturas individuais. De modo que não é somente a crença na existência de uma “harmonia racial”, mas os recursos

mobilizados para interpretação dos dados que produzem a própria ideia de harmonia. Isso é particularmente importante na projeção creditada ao Brasil, pois coloca em pauta a apropriação, os expedientes e a forma de demonstração dos resultados das pesquisas. Há uma articulação na qual a concepção de preconceito racial e a discriminação operariam de forma apartada de um racismo, considerado como tal, somente quando articulado a políticas de Estado.

Bibliografia

BANTON, M. ([1977] 2010), *A ideia de raça*. Trad. Antonio M. Bessa. Perspectivas do Homem. Lisboa : Edições 70 LDA.

BHABHA, H.K. (1998), *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

FANON, F. *Pele negra máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GASTAUT, Y. (2005), L'UNESCO, les "races" et le racisme. In: *UNESCO, 60 ans de l'histoire de l'Unesco : Actes du colloque internationale*, 16-18 novembro, Paris, pp. 197-210. Eixo : Les idéaux à l'épreuve de l'histoire. Mesa redonda 3 : La notion de race.

HALL, S. (1997), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. The Open University. Londres: SAGE Publication, 1997.

Le Courrier de l'UNESCO (1992), *Apartheid: chronique d'une fin annoncée*. XLV Année, février, pp. 16-50.

Le Courrier de l'UNESCO (1986), Brésil, le géant du 20^e siècle. XXXIX Année, N°12, 1986, pp. 4-46.

Le Courrier de l'UNESCO, (1986), Une anthologie de l'COURRIER pour célébrer le 40^e anniversaire de l'UNESCO, XXXIX Année, Mai/Jun.

Le Courrier de l'UNESCO, (1971), Contre le racisme ce drame qui divise les hommes. XXIV Année, Octobre.

Le Courrier de l'UNESCO, (2001), Couleur, nation, caste, ethnie, race: pourquoi le racisme? Coordenação René Lefort et Ivan Briscoe, Ano 54, N°9, pp. 4-32.

Le Courrier de l'UNESCO, D'où vient le racisme. 49^e année, Mars, 1996, pp. 10-34.

Le Courrier de l'UNESCO, L'Apartheid. XXe Année, N° 3, Mars, 1967.

TAGUIEFF, P-A. Le racisme. *Cahier du CEVIPOF*, n° 20, Paris, 1998, p. 132.

_____. Réflexions sur la question antiraciste. *Mots*, Paris, Mar. 1989, n°18. pp. 75-93.

Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano X, N°XIX, agosto/2017

UNESCO, *60 ans d'histoire de l'UNESCO: Actes du colloque internationale*, 16-18 novembre, Paris, 2005, p. 555.

UNESCO, *Aprender a viver juntos: será que fracassamos?* Brasília: UNESCO, IBE, 2003.

UNESCO, *l'UNESCO et la lutte contre Le racisme. L'Appel d'Athènes*. Paris: UNESCO, 1981.

UNESCO, *Quatre déclarations sur la question raciale*, Rennes: UNESCO, 1969, 56p.

WIEVIORKA, M. *Les mutations de la haine*. In: *Le Courrier de l'UNESCO*, 1996, Ano 49^e, N° 3, pp. 10-13.

Ana Cristina Juvenal da Cruz

Possui Pós-Doutorado em Educação CNPq (2016), Doutora (2014) e Mestre (2010) em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP-Assis (2006). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Desenvolve trabalhos na área de educação com ênfase em relações étnico-raciais, estudo e ensino das histórias africanas e afro-brasileiras, estudos pós-coloniais e da diáspora negra.